



Visualização de dados em narrativas jornalísticas sobre gênero: Análise da revista digital Gênero e Número

Maryanne Marques Gonçalves Paulino de Sousa¹
Paulo Gerson Olinto Deodato²
Silvana Torquato Fernandes³

Universidade Federal da Paraíba; Cesrei Faculdade; Universidade Fernando Pessoa

Resumo: Esta pesquisa visa mapear e analisar como ocorrem as visualizações de dados nas narrativas jornalísticas sobre questões de gênero, compreendendo quais os formatos mais explorados e quais suas contribuições ao campo jornalístico e ao debate da temática. A análise parte dos estudos da revista digital Gênero e Número, com um recorte das cinco últimas edições publicadas, e se ancora nos conceitos de Jornalismo guiado por dados e Visualização de dados, e nas dimensões dos dados. Como método e técnica de investigação, utilizou-se, respectivamente, observação direta e aplicação de ficha de coleta de dados. Os resultados indicam o uso de diferentes formatos de apresentação dos dados nas narrativas, apresentando contextualização e análise dos mesmos, de modo contribuir para melhor compreensão, debate e reflexão das temáticas.

Palavras-chave: Jornalismo de dados; Jornalismo guiado por dados; Visualização de dados; Gênero; Revista Gênero e Número.

¹Mestranda em Jornalismo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Comunicação Digital e Marketing de Dados pela Cesrei Faculdade. Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: maryannemgps@gmail.com.

²Mestrando em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Formado em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: pauloolinto123@gmail.com.

³Professora na Faculdade Cesrei e na Universidade Estadual da Paraíba. Doutoranda em Ciências da Informação na Universidade Fernando Pessoa, Porto/Portugal. E-mail: silvanatorquato@gmail.com.

Introdução

Desde o surgimento das chamadas “ondas feministas” a situação da mulher enquanto sujeito social passou a ser questionada, e estas passaram a atuar de modo cada vez mais efetivo para estabelecer espaços na agenda social para a discussão, inclusive na mídia. No entanto, apesar dos avanços no que se refere à luta por direitos, pela atenção das diferentes esferas da sociedade, bem como pelo espaço na agenda midiática, ainda vivemos uma realidade longe da ideal em termos de igualdade de gênero.

No que se refere à política, por exemplo, embora em 2018 tenham sido eleitas mais 26 mulheres para a câmara dos deputados, em relação à 2014, as mulheres ainda são apenas 15% da Câmara³. Quanto à ciência, segundo dados do CNPq, Inep e Parente in Science, embora elas sejam maioria na graduação (57%), iniciação científica (55%), mestrado (52%) e empatem com os homens no doutorado (50%), são minorias nos postos de maior prestígio: liderança em grupo de pesquisa (47%), docência na universidade (46%), bolsa produtividade em pesquisa (36%)⁴. Outros exemplos nos quais nota-se desigualdade entre os gêneros — e suas intersecções: raça, classe social, idade, orientação sexual e outras — são: educação, segurança, esportes, trabalho e direitos reprodutivos, onde é possível perceber diferenças consideráveis em questões de oportunidades, salários, empregos, ocupação de espaços e cargos, etc, assim como violações diárias e de diversos tipos.

No campo midiático tais debates estão longe de acabar. Pelo contrário, com a centralidade dos meios de comunicação, se faz emergente não apenas debater e informar, mas fazer isso de modo apropriado, em profundidade e em consonância com a realidade social. Entretanto, muitas vezes a mídia se exime do debate ou o faz de forma simplista, superficial e mesmo estereotipada. Portanto, um debate raso e que dê brechas a questionamentos pode contribuir para o reforço de estereótipos e aumento da desigualdade de gêneros em diversas esferas.

Por outro lado, há uma constante tentativa de deslegitimação de informações e debates sobre o tema, afirmando que não há como provar que, de fato, existe

³ASSIS, Carolina de; FERRARI, Marília; LEÃO, Natália. Disponível em <http://www.generonumero.media/camara-dos-deputados-tera-mais-mulheres-brancas-negras-e-indigena-e>

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020

.....
[-menos-homens-brancos-em-2019](#). Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

⁴ ASSIS, Carolina de; DATADOT. Disponível em

<http://www.generonumero.media/infografico-os-caminhos-de-mulheres-e-homens-na-ciencia-brasileira>.

Acesso em 20 de fevereiro de 2020.

desigualdade social entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, o Jornalismo Guiado por Dados (JGD) surge como uma forma de produzir material jornalístico com menor chance de erro, a partir de dados concretos a serem analisados, correlacionados a outros e apresentados de forma didática e analítica. Ele é visto, ainda, como possibilidade não só de melhorar a qualidade dos debates como também de propor e experimentar novos formatos de narrativas (MANCINI e VASCONCELLOS, 2016), em virtude das potencialidades oferecidas pelo ambiente digital — hipertextualidade, multimídia, interatividade, memória, instantaneidade, personalização e ubiquidade (CANAVILHAS, 2014).

Neste debate, iniciativas de utilização de dados para embasar e guiar reportagens e contar histórias que cercam o tema ainda são pouco vistas. Portanto, mediante a incipiência de não só de experiências como também de estudos sobre a relação entre JGD e gênero, tal relação carece, tanto do ponto de vista da academia quanto do mercado, de investigações sobre suas características, formas de apresentação e importância dos dados, assim como de sua real viabilidade e potencialidades na construção de narrativas.

A ação mais conhecida no Brasil é a revista digital Gênero e Número (G&N)⁵, uma startup e organização de mídia independente criada em 2016, sendo a primeira na América Latina orientada por dados concebida exclusivamente “para dar visibilidade a dados e a evidências relevantes para o debate sobre equidade de gênero”, como descreve o próprio site. Todos os seus conteúdos são pensados e produzidos para plataformas online.

Por estes motivos acima mencionados, a G&N foi selecionada como caso para esta pesquisa. Seu conteúdo é segmentado por seções, sendo elas: Edições temáticas, Vídeos (selo Doc.GN), Entrevistas, Dados de bolso, Dados abertos, Diálogos GN e Editoriais. Dessa forma, a revista nos oferecia um amplo conjunto de produtos para observação. Entretanto, por se tratar de um trabalho de conclusão de curso com plano de

⁵ Revista digital Gênero e Número. Disponível em <http://www.generonumero.media/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

atividades com tempo reduzido, optamos por delimitar o caso: o recorte compreende as cinco últimas edições lançadas pela revista por, numa análise prévia, perceber que seriam os objetos que poderiam compilar maior variedade de formatos de visualização dos dados.

Nosso objetivo central é mapear e analisar os formatos de visualização de dados e suas contribuições para as narrativas. Para tanto, utilizamos como método de investigação a observação direta, além do desenvolvimento e aplicação de uma ficha de observação, ambos descritos por Yin (2001), de modo a facilitar a coleta de dados.

Sendo assim, buscou-se realizar não apenas um mapeamento numérico e descritivo dos formatos, mas principalmente compreender de que maneira esses elementos colaboram para o jornalismo e para uma melhor compreensão da temática.

1. Números que contam histórias

A expansão da tecnologia da informação, a partir do século XIX, ocasionou diversas mudanças para o jornalismo, desde o modelo de negócios das empresas até os procedimentos de produção jornalística, rotinas profissionais e formatos dos conteúdos. Ao longo dos séculos, os meios e as modalidades de jornalismo também evoluíram até chegar à web, onde se desenvolve o jornalismo digital, também conhecido pelas terminologias jornalismo online, webjornalismo e ciberjornalismo.

Neste mesmo cenário, a popularização da internet, dos computadores e, pouco mais recentemente, dos dispositivos móveis, como *smartphones* e *tablets*, ocasionou alterações na sociedade e conseqüentemente na comunicação. Com o maior acesso da população a tais tecnologias, há maior busca pelo consumo de informações a partir delas. Além disso, também foi proporcionado aos governos, empresas e outras entidades um lugar para estocar e disponibilizar de maneira mais fácil e sistemática o acesso aos seus dados. Com isso, os profissionais do jornalismo passaram a ver uma possibilidade de inovar seu *modus operandi*, explorando novas linguagens e formatos de apresentação, através do uso de dados.

De acordo com Barbosa e Torres (2013), as bases de dados são o aspecto-chave para a construção de sites jornalísticos dinâmicos, em contraposição aos padrões estáticos anteriormente encontrados, e são elas que impulsionam as mídias móveis, uma vez que integram diversas funcionalidades e potencialidades para o processamento do fluxo de informações. Os autores propõem, então, que há a conformação de um modelo próprio: o Paradigma Jornalismo Digital em Base de Dados, o qual abrigaria, segundo eles, o chamado Jornalismo Guiado por Dados, também conhecido como “Jornalismo de Dados”, “Jornalismo em Base de Dados” e “Jornalismo de Banco de Dados”.

Neste trabalho, optamos pelo termo “Jornalismo Guiado por Dados (JGD)” por entender os dados não apenas como ponto de partida, mas também como condutores para a produção de material jornalístico.

Em síntese, o JGD pode ser entendido como um modelo que tem as bases de dados como definidoras de suas características de atuação, ou seja, dos processos de produção, consumo e circulação de conteúdos jornalísticos (BARBOSA e TORRES, 2013). Com isso, demarca-se uma ampliação no jornalismo contemporâneo, em que além do tradicional ‘faro jornalístico’ e da habilidade de contar histórias, têm-se também uma escala e alcance da informação digital agora disponíveis e infundáveis.

Mas essa não é uma técnica nova. De acordo com Träsel (2014), o Jornalismo Guiado por Dados tem sua origem nas propostas e técnicas do Jornalismo de Precisão e da Reportagem Assistida por Computador (RAC), propostos inicialmente nos anos 1970.

O primeiro conceito, estabelecido por Phillip Meyer em 1973, propunha que técnicas e protocolos reproduzíveis das ciências sociais e da computação podiam ser usadas por jornalistas para que “errassem com menos frequência”, aproximando a profissão o máximo possível da ciência. Já a Reportagem Assistida por Computador (RAC) passou a substituir o termo anterior nos anos 80, concentrando-se numa tentativa organizada e sistemática do uso de computadores para coleta e análise de dados, cujo objetivo era aperfeiçoar as notícias.

Em meados dos anos 1990, a disseminação e uso da web e da internet e seus recursos e programas coincidem com a expansão das bases de dados, incorporadas e disponibilizadas por várias organizações públicas e privadas. Já no final da década, a RAC “se popularizou, propagando o seu uso por jornais de todos os tamanhos, serviços de cabo, revistas e TVs” (BARBOSA, 2007, p. 110).

A partir desse momento, as bases de dados passaram a ser agregadas aos sites e ampliaram as possibilidades de oferta de informação, tornando-se importantes ao jornalismo e à modalidade específica que surge no período: o jornalismo digital (BARBOSA, 2007). No início dos anos 2000, portanto, houve uma revigoração e ampliação do trabalho jornalístico com dados, impulsionados de um lado pelo desenvolvimento da informática e das telecomunicações — e, por consequência, de ferramentas gratuitas de análise de dados — e de outro pelas mudanças por elas precipitadas no modelo industrial da mídia predominante no século XX, como ampliação das políticas de transparência e acesso à informações, permeados pela cultura de dados abertos. Aparece, então, o Jornalismo Guiado por Dados.

Conceituando, ele trata-se, portanto,

da aplicação de técnicas computacionais e científicas na apuração, edição, publicação e circulação de produtos jornalísticos, que podem tomar a forma de textos, audiovisuais, narrativas hipertextuais, visualizações gráficas, ou aplicativos noticiosos (TRÄSEL, 2014, p. 15).

Em outras palavras, o termo compreende as diversas práticas, ferramentas, técnicas, habilidades profissionais que fazem uso de dados como principal fonte de informação e/ou guia para a produção jornalística em seus diversos formatos. E, de modo mais matemático e científico, servem para confrontar, certificar ou provar com extrema precisão informações da história contada.

Com o JGD, as fontes deixam de ser primordialmente pessoas, que baseiam um jornalismo declaratório, e as cargas pessoais do jornalista também deixam de influenciar na narrativa. As fontes agora são os dados, com todo rigor analítico que contém. Usar números ou elaborações numéricas ao objeto do discurso consiste em atribuir ao que se

fala um caráter de exatidão, de uma validade supostamente evidente, como algo incontestável, irrefutável, inerente à estatística ou matemática (CANDEL, 2008 apud CHARBONNEAUX e GKOUSKOU-GIANNAKOU, 2015).

Além disso, as técnicas do JGD podem contribuir de diversas formas para o trabalho do jornalista. Principalmente, elas “permitem ao jornalista encontrar informações com valor noticioso em bases de dados com milhares ou milhões de registros, dificilmente manejáveis sem a ajuda de computadores” (TRÄSEL, 2014, p. 108). Para tanto, norteiam e facilitam não só a busca, como também o tratamento e o cruzamento de grandes quantidades de dados e a circulação dos produtos gerados através de diferentes plataformas e formatos.

Assim, com os dados o trabalho do jornalista muda de natureza. O principal foco dos profissionais deixa de ser a corrida pelo furo e passa a ser mostrar os possíveis significados e implicações de um fato para a sociedade. Ademais, colaboram não apenas para a produção de novo conhecimento, como também promovem entendimento didático sobre os assuntos abordados, promovendo uma percepção mais profunda do que está acontecendo ao nosso redor, informando e suscitando debates. Dessa forma, torna o jornalismo ainda mais valoroso.

No que concerne às iniciativas de JGD no Brasil, diversas organizações e produções podem ser encontradas. Algumas delas são: o projeto “Monitor da Violência”⁶, do portal G1; o Estadão Dados⁷; jornal digital Nexo⁸; agência Volt Data Lab⁹; e a plataforma Jota Dados¹⁰.

Outra iniciativa brasileira que tem ganhado destaque é a revista digital Gênero e Número¹¹, que se enquadra como JGD, entre outras coisas, pelo uso de ferramentas, técnicas e habilidades para buscar, extrair, processar e cruzar dados de bases de dados

⁶ Monitor da violência- G1. Disponível <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

⁷ Estadão Dados. Disponível em <http://blog.estadaodados.com/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

⁸ Nexo Jornal. Disponível em <https://www.nexojornal.com.br/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

⁹ Volt Data Lab. Disponível em <https://www.voltdata.info/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

¹⁰ Jota Dados. Disponível em <https://www.jota.info/dados>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

¹¹ Revista digital Gênero e Número. Disponível em <http://www.generonumero.media/>. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

abertas (em diferentes formatos de armazenamento), a fim de produzir conhecimentos, informar e levantar debates sobre questões de gênero. Esta revista se configura como sendo o objeto deste estudo e, portanto, será melhor descrita e analisada no decorrer da pesquisa.

2. Como apresentar visualmente os dados?

Os jornais têm mostrado cada vez mais interesse em noticiar acontecimentos a partir de formatos mais visuais, dinâmicos e eficientes para compreensão dos assuntos. Como vertente do Jornalismo Guiado por Dados, a Visualização de Dados se comporta como o espaço para pensar e escolher entre os formatos possíveis, qual o melhor para apresentar determinado conteúdo e/ou dados.

Para Cairo (2011, p. 33 apud LONGHI e CORDEIRO, 2018, p. 165), a visualização da informação é entendida como “o uso de representações gráficas para ampliar a cognição”, além de tornarem mais efetiva a execução de tarefas que envolvem dados. Indo além, Sancho (2012) diz que a infografia apresenta duas qualidades que a diferenciam no universo da comunicação: a utilidade documental e a visualização estética. A primeira, também chamada pelo autor de ‘visualização sintética’ leva em consideração as qualidades para melhor relatar os fatos, como “conteúdos informativos e documentais, significação, focalização, grau de síntese, resumo, complemento e substituição, rigor informativo, documental e de concordância” (SANCHO, 2012, p. 40). Por sua vez, a visualização estética, como o próprio nome sugere, está relacionada ao modo de apresentação das informações, baseando-se na “forma ou aspecto, clareza e didática, estética sígnica formal, anamorfozes diversas (SANCHO, 2012, p. 44)”.

Sendo assim, os produtos resultantes do JGD são narrativas apresentadas em diversos formatos. Os dados numéricos não necessariamente devem figurar como formato final da informação. Segundo Crucianelli (2013), há pelo menos quatro produtos diferentes, muitas vezes complementares, decorrentes dessa prática: textos construídos a partir de informações contidas em bancos de dados, onde os dados são apresentados no decorrer do texto verbal; visualizações interativas, que podem ser

complemento de artigos feitos com base em dados ou existirem por si só, contendo apenas título, legenda e uma explicação sobre como ler os dados (CRUCIANELLI, 2013); conjuntos de dados públicos disponibilizados, geralmente exibidos em formato reutilizável; e aplicativos de notícias, nos quais o volume de dados é muito grande, sendo possível agrupá-los e analisá-los por variáveis, como localização geográfica, data e outras.

No entanto, acreditamos que outros formatos de produtos gerados pelo Jornalismo Guiado por Dados também são possíveis como, por exemplo, gráficos ou infográficos estáticos, jogos eletrônicos (chamado de jornalismo de games), animações, produtos audiovisuais, aplicações de realidade virtual ou realidade aumentada, entre outros.

No que concerne às características do JGD, Mancini e Vasconcellos (2016) criaram uma matriz que não apenas apresenta as dimensões para a compreensão do que é Jornalismo de Dados, mas que “procura também agregar a dimensão ativa do jornalismo interessado em revelar algo para além da simples divulgação de relatórios quantitativos de agentes públicos (p. 75)”, buscando representar a relação entre os dados e, a partir daí, contar suas histórias.

Neste sentido, os autores chegaram a três categorias que atendem às dimensões dos dados: caráter investigativo, interpretativo e comunicativo das publicações. Aqui, nosso foco está na última dimensão, mas utilizamos também a dimensão interpretativa.

Na categoria comunicativa, referente à visualização gráfica, Mancini e Vasconcellos (2016, p. 76) indicam que “procura-se identificar se as publicações trazem algum tipo de visualização, como gráficos ou infográficos.” Além disso, nela também é avaliada a maneira como essa visualização é utilizada: se ela ocupa lugar privilegiado na reportagem, e também se está aprimorada, não apenas esteticamente mas, principalmente, se ela promove, incentiva ou ajuda na compreensão analítica da reportagem (MANCINI e VASCONCELLOS, 2016).

Já na dimensão interpretativa, etapa da argumentação, procura-se identificar se existe ali um texto que “procura não apenas apresentar o conteúdo da reportagem e o

seu contexto, como, principalmente, se traz uma análise sobre as relações entre os dados de forma a indicar causas e/ou consequências do objeto da publicação” (MANCINI e VASCONCELLOS, 2016, p. 76). Esta análise pode ser feita pelo próprio jornalista ou por entrevistados, ao longo da reportagem.

3. Corpus e abordagem metodológica

A Gênero e Número é uma revista digital brasileira orientada por dados que possui todo o seu conteúdo elaborado para dar visibilidade ao debate sobre equidade de gênero, e cuja produção é pensada e produzida para internet, mediante as possibilidades oferecidas pelo ambiente digital ao jornalismo. Sua produção é dividida entre as edições temáticas, documentários, entrevistas, dados de bolso, dados abertos, diálogos GN e material para as editorias. Quanto às edições, que são nosso foco, cada uma delas possui um tema central que norteia o conteúdo produzido — como ‘política’, ‘trabalho’, ‘educação’, ‘ciência’ e ‘violência’ — e não possuem periodicidade fixa de publicação, podendo levar semanas ou meses para produção e divulgação.

Até a finalização deste trabalho, 11 edições haviam sido publicadas. Nosso corpus de análise compreende as cinco últimas edições lançadas pela revista. As temáticas das edições são: edição 7- Mulheres encarceradas (novembro de 2017); edição 8- Música (fevereiro de 2018); edição 9- Educação Básica (abril de 2018); edição 10- Mulheres na Ciência (junho de 2018); e edição 11- Direitos reprodutivos (setembro de 2018).

Como método de análise optamos pela observação direta, que, de acordo com Yin (2001), ocorre à medida que, ao realizar uma visita de campo ou uma análise a um conteúdo específico para o estudo de caso, cria-se a oportunidade de fazer observações diretas, que servem como fonte de evidências. Sabendo quais aspectos são significativos para alcançar os objetivos pretendidos, o pesquisador pode desenvolver protocolos de observação para avaliar a incidência de certos tipos de comportamentos durante certos períodos de tempo (YIN, 2001).

Para este estudo foi desenvolvida e aplicada uma ficha de observação¹², de modo a facilitar a coleta de dados. Ela foi organizada em sete questões, cinco com base na classificação da dimensão comunicativa dos dados e duas com base na dimensão interpretativa, apontadas e discutidas no capítulo anterior. Ou seja, os formatos de visualização dos dados e suas contribuições à narrativa (MANCINI e VASCONCELLOS, 2016; CRUCIANELLI, 2013; SANCHO, 2012), e o nível de argumentação e análise dos dados nas narrativas (MANCINI e VASCONCELLOS, 2016).

Após a coleta através da ficha de observação, os dados passíveis de quantificação foram reunidos em 5 gráficos, organizados em função de algumas perguntas, para melhor visualizar e analisar as informações quantificáveis. Já as informações de caráter mais qualitativo, foram analisadas e dispostas segundo propõe tal método (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009).

Assim, utilizando a técnica de observação direta, foi possível identificar não só os formatos dos dados utilizados para construção das narrativas produzidas pela revista Gênero e Número, como também sua real função e contribuição para cada narrativa. Os resultados da análise serão apresentados e discutidos no capítulo a seguir.

4. Resultados e Discussão

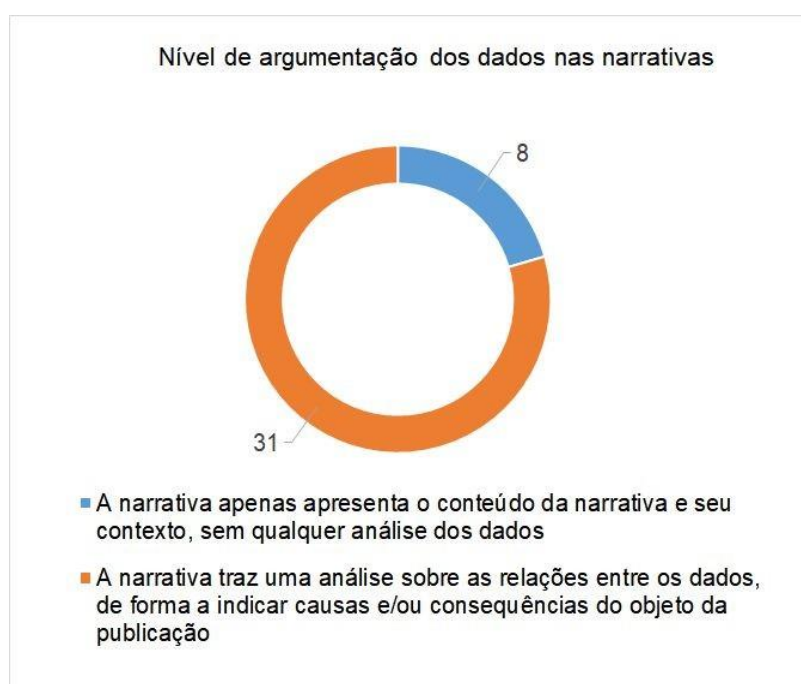
Considerando-se a grande e diversificada produção da revista digital Gênero e Número, para este trabalho, como já mencionado, foi tomada uma amostra de cinco edições (as últimas publicadas), totalizando 39 narrativas, que se dividem, em cada edição, em editorial, entrevista, reportagens, gráficos e dados de bolso.

Em grande parte das narrativas investigadas havia algum tipo de análise (Gráfico 1), a fim de compreender melhor os dados em relação à realidade e contexto social, econômico e outros que envolvem as problemáticas abordadas. Dessa forma, apresentou significados, causas e implicações destes dados à sociedade, como já apontavam

¹² Ficha de observação. Disponível em https://docs.google.com/document/d/1XPHHdHQ0BKo_OTbB-fCANw-3QtLoRoOTYy-t96Rp7zM/edit?usp=sharing. Acesso em 25 de fevereiro de 2020.

Mancini e Vasconcellos (2016), na dimensão interpretativa. Outras narrativas, porém, apenas apresentaram o conteúdo da narrativa (incluindo os dados), com ou sem contextualização, e sem qualquer análise.

Gráfico 1- Nível de argumentação dos dados na narrativa

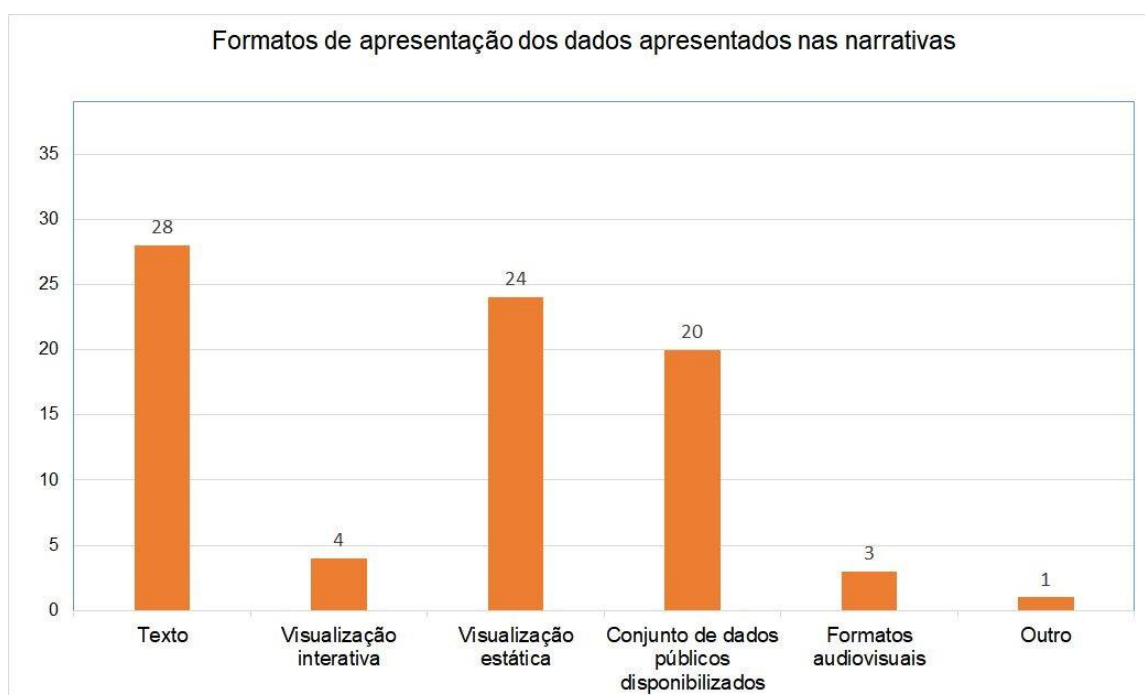


Fonte: Autores

Entre as narrativas que apresentaram análise dos dados, 8 continham análises feitas pelos próprios jornalistas, com base em suas pesquisas, conhecimentos, observações e vivências, e 30 continham análises feitas por entrevistados, geralmente autoridades no assunto, como pesquisadores, professores, responsáveis por órgãos e instituições, políticos, ativistas em causas de gênero, cientistas sociais, e também pessoas que vivenciam a situação apontada na reportagem. A soma de ambos os casos supera o total de 31 narrativas com análise porque em diversas matérias foi possível encontrar avaliações, comentários e críticas feitas por ambos os grupos: jornalistas e entrevistados.

Em relação à dimensão comunicativa dos dados, ou seja, os formatos de visualização dos dados e suas contribuições à narrativa (MANCINI e VASCONCELLOS, 2016; CRUCIANELLI, 2013; SANCHO, 2012), apreenderam-se diversas informações quanto ao trato da Gênero e Número com os dados, demonstrando como a revista faz uso dos mesmos para guiar as narrativas. Percebeu-se, por exemplo, o uso de dados sob diferentes formatos (Gráfico 2), encontrando-se diversas vezes mais de um tipo na mesma narrativa — o que explica a soma total da quantidade ultrapassar 31 narrativas. Texto, visualizações estáticas e disponibilização de dados públicos os mais explorados.

Gráfico 2- Formatos dos dados apresentados nas narrativas



Fonte: Autores

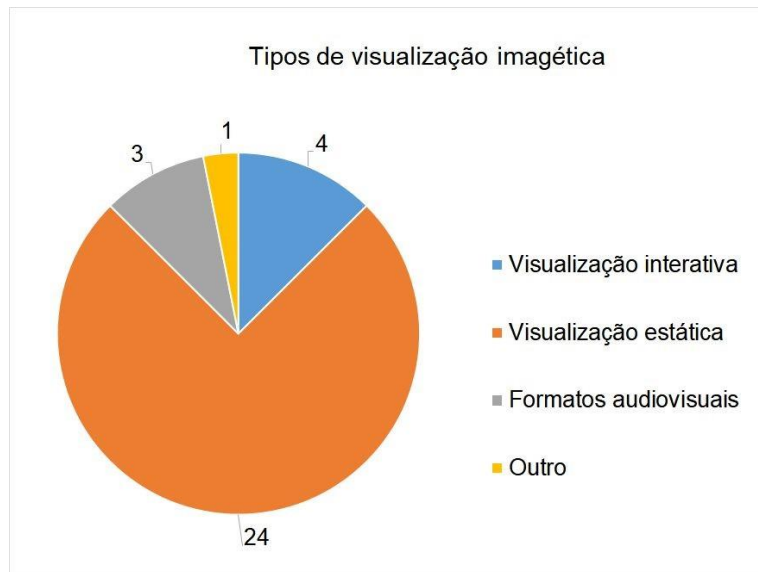
Os formatos “aplicativos de notícias”, “jogos eletrônicos”, “animação”, “app de realidade virtual” e “app de realidade aumentada” não foram utilizados em nenhuma narrativa.

O formato ‘texto’ indica a dissolução dos dados ao longo do texto verbal, ao passo que os formatos ‘visualização estática’ e ‘interativas’ contemplam, respectivamente, gráficos e infográficos estáticos e interativos. Neste último, é concedido ao usuário total autoridade sobre o consumo das informações, escolhendo o que deseja ver, adicionando camadas de informação e explorando os dados de diferentes maneiras. Isto só é possível por meio das funcionalidades que a web proporciona ao jornalismo (CANAVILHAS, 2014).

Quanto aos formatos audiovisuais, estes abrangeram documentários e videorreportagens. No campo ‘outros’ figurou o formato “gif animado” (*Graphics Interchange Format*). A G&N também disponibiliza algumas das bases de dados consultadas e/ou levantadas durante o processo de apuração e construção dos conteúdos, não só no decorrer do texto, como também na seção “Dados abertos”. Com isso, foi possível acessá-las, visualizá-las, fazer o download e, caso quisesse, processá-las, já que parte delas estavam em formatos reutilizáveis.

O amplo uso de formatos visuais pela revista demonstra a tendência do consumo de informações gráficas e, neste caso, objetiva facilitar a compreensão das temáticas de gênero, ainda pouco disseminadas e nem sempre fáceis de serem entendidas e retidas na memória. Ademais, são materiais atrativos visualmente, despertando interesse e engajamento dos usuários. Entre as 39 narrativas analisadas, 30 apresentaram visualizações imagéticas, em distintos formatos (Gráfico 3), encontrando-se mais de um tipo em diversas narrativas — isto explica a soma total da quantidade ultrapassar 30.

Gráfico 3- Tipos de visualização imagética

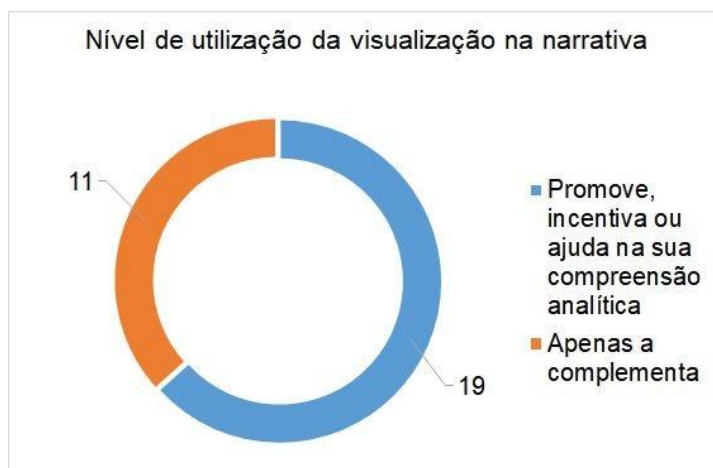


Fonte: Autores

Entre este total de visualizações imagéticas, avaliou-se ainda a maneira como foram utilizadas nas narrativas, se ocuparam lugar de destaque ou não (Gráfico 4) e também seus níveis de aprimoramento e utilização (Gráfico 5).

Gráfico 4- Espaço destinado às visualizações imagéticas na narrativa.
Gráfico 5- Nível de utilização das visualizações imagéticas na narrativa





Fonte: Autores

Tais dados indicam que, embora os formatos visuais sejam bastantes utilizados pela revista *Gênero e Número*, nem sempre eles são a parte principal das narrativas. Quando figuram como central são, em sua maioria, o único componente, a exemplo dos gráficos estáticos da seção *Dados de bolso* e dos documentários. No entanto, funcionam, predominantemente, não apenas como complemento das narrativas, mas sim com a função de promover, incentivar ou ajudar na compreensão analítica das informações sobre gênero, tendo em vista o complexo contexto das temáticas e sua compreensão, como dito anteriormente. Para tanto, 27 narrativas imagéticas contém legendas que buscam nortear o usuário acerca de como fazer a leitura dos dados.

Tendo em vista os resultados obtidos na pesquisa, observou-se que, embora a revista digital *Gênero e Número* ainda tenha um contexto recente de atuação, opera de forma positiva no campo do Jornalismo Guiado por Dados, alicerçada sob seus conceitos e classificações de análise e visualização de dados, que puderam ser identificadas com a observação direta. Assim, a revista se mostra em conformidade com o que os autores mencionados ao longo do trabalho afirmam sobre esta área do jornalismo.

Ao tratar sobre gênero, investiga minuciosamente as temáticas, enriquecendo-as com dados que comprovam a gritante desigualdade de gênero em diversos âmbitos sociais, políticos, entre outros. Além disso, publiciza tais dados da forma mais adequada e didática aos conteúdos das narrativas (como textos, gráficos, infográficos e mapas

estáticos e interativos, documentários, videorreportagens, links redirecionadores a bancos de dados, por exemplo), promovendo análises sobre eles à sociedade, de modo a suscitar reflexões, debates e ações a fim de melhorar os índices de desigualdade de gênero existentes.

É importante pontuar também que tais narrativas, embora sejam guiadas por dados, não se constituem em informações “cruas”, resumidas à números e sem qualquer empatia à temática. A G&N se mostra atenta quanto à sensibilidade e, ao mesmo tempo, rigor que o assunto requer, e o faz trazendo também entrevistas e depoimentos de pessoas que vivenciam os problemas levantados nas reportagens, como mulheres encarceradas, mulheres cientistas com filhos, pessoas que tiveram seus direitos reprodutivos e de uso do nome social negados ou violados, por exemplo.

Com isso, a revista segue a efervescência do debate de gênero conforme eles ocorrem nas esferas sociais, políticas, educacionais e midiáticas, e dos dados, cada dia mais pesquisados e utilizados por diferentes áreas. Assim, dá visibilidade a dados e evidências sobre equidade ou desigualdades de gênero, gerando debates entre a população e buscando impactar e promover mudanças na esfera pública, através dos governos e ONGS, por exemplo.

Considerações finais

Esta pesquisa sobre o uso de dados pela revista digital Gênero e Número trouxe como resultados uma série de desdobramentos sobre a relação entre o Jornalismo Guiado por dados e o debate de gênero. Guiadas pelo questionamento sobre quais são os formatos de dados mais explorados pela G&N e quais suas contribuições ao campo jornalístico e ao debate da temática, encontramos um tipo de cobertura que difere das tradicionais, não apenas em virtude da ampla utilização de dados para construção dos materiais jornalísticos, mas também da sua profundidade.

Os resultados da observação da amostra selecionada apontam para narrativas bem construídas com base em dados, utilizando-os sob diferentes formatos, aplicando a cada reportagem e assunto o que melhor funciona para serem compreendidos e

suscitarem reflexão nos leitores, diante de temáticas tão profundas e por vezes de difícil compreensão. Para tanto, as narrativas também apresentaram contextualização e análises dos dados. Apreendeu-se, também, a maior exploração dos formatos de texto e visualização estática, ao passo que visualização interativa, audiovisual, apps, entre outras formas, são pouco utilizadas.

Contudo, há neste ponto a percepção do aproveitamento das possibilidades oferecidas pelo ambiente digital ao jornalismo, viabilizando, por exemplo, o uso de visualizações interativas, que proporcionam maior autonomia de consumo ao usuário, e da disponibilização de bases de dados utilizadas, para que este possa verificar as informações ou mesmo utilizá-las, cruzá-las com outras e produzir novas, como faz a própria revista.

Caracterizar os dados e as narrativas da revista digital *Gênero e Número* mediante teorias do Jornalismo Guiado por Dados auxilia os jornalistas em sua profissão, haja vista a crescente procura do mercado de trabalho por profissionais que detenham conhecimentos e que saibam lidar e analisar dados. Dessa forma, é possível apontar duas contribuições desta pesquisa: a primeira é compreender a utilização dos dados para o debate promovido pelo jornalismo sobre questões de gênero, identificando suas características, potencialidades, contribuições e implicações não só para a área do jornalismo como para esferas sociais. A segunda é servir de base teórica para futuras pesquisas e análises sobre o Jornalismo Guiado por Dados e/ou o debate de gênero, incluindo para os profissionais da área que queiram se qualificar neste campo.

Com isso, a partir desta pesquisa, vimos que diante do constante desenvolvimento da web e de ferramentas digitais que possibilitem novas técnicas de apuração e visualização de dados, o Jornalismo Guiado por Dados é uma vertente em contínua expansão, com inovações e incorporação de novas linguagens, formatos e tecnologias. Há, portanto, necessidade de atualização permanente sobre a área.

Referências

BARBOSA, S. A.; TORRES, Vitor. **O paradigma ‘Jornalismo Digital em Base de Dados’**: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. Galáxia, São Paulo, nº 25, p. 152-164, jun. 2013.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD)**: Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Salvador, 2007.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo**: 7 características que marcam a diferença. Labcom, 2014.

CHARBONNEAUX, Juliette; GKOUSKOU-GIANNAKOU, Pergia. **O Jornalismo de “Dados”, Uma prática de investigação?** Um olhar sobre os casos alemão e grego. Tradução: Fábio Pereira. Brazilian Journalism Research, vol. 11, n. 2, 2015.

CRUCIANELLI, Sandra. **Herramientas Digitales para Periodistas**. 2. ed. Austin: Centro Knight para el Periodismo en las Américas de la Universidad de Texas, 2013.

LONGHI, Raquel Ritter; CORDEIRO, William Robson. **No jornalismo imersivo, o infográfico é hiper**. Revista Líbero, São Paulo, ano XXI, n. 42, p. 160-174, jul./dez. 2018

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fabio. **Jornalismo de Dados**: conceito e categorias. Revista Fronteiras– Estudos midiáticos. Unisinos, v. 18, n. 1, janeiro/abril 2016, p. 69-82.

SANCHO, José Luis Valero. **Infografía Digital**: La visualización sintética. Barcelona: Bosch, 2012.

SILVEIRA, Denise; CÓRDOVA, Fernanda. **A Pesquisa científica**. In: GERHARDT, Tatiana; SILVEIRA, Denise (orgs.). Métodos de pesquisa. 1ª ed, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, p. 31-42.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. **Entrevistando planilhas**: Estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, 2014.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. 2. ed. Bookman, Porto Alegre: 2001.